

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

ENTRE O PERTENCIMENTO E O ESTRANHAMENTO: HABITANDO AS FRONTEIRAS ENTRE OS MUNDOS CIVIL E MILITAR

Emilia Emi Takahashi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17863>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ENTRE O PERTENCIMENTO E O ESTRANHAMENTO: HABITANDO AS FRONTEIRAS ENTRE OS MUNDOS CIVIL E MILITAR

Emilia Emi Takahashi

<https://orcid.org/0000-0002-7198-4559>

emiliatakahashi.afa@gmail.com

Academia da Força Aérea (AFA), Pirassununga, SP, Brasil.

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sociológica sobre as possibilidades de conhecimento geradas pela permanência prolongada em uma posição situada entre os universos civil e militar, fruto da atuação de três décadas como docente civil na Academia da Força Aérea (AFA). Adotando uma perspectiva de auto-socioanálise inspirada em Pierre Bourdieu e na sociologia da reflexividade no meio militar de Helena Carreiras, problematiza-se a posição de fronteira de quem analisa o próprio ambiente profissional. O material empírico desta trajetória reflexiva provém de pesquisas longitudinais anteriores desenvolvidas na pesquisa de doutorado realizada pela autora, nos textos dela derivados e também de observações acumuladas após a publicação desses trabalhos. A familiaridade com as rotinas militares é desnaturalizada a partir de Gilberto Velho e Celso Castro, enquanto o estranhamento irreduzível — decorrente da condição de ser mulher, civil e docente da área de humanas na caserna — é analisado por meio de Erving Goffman, Howard Becker e Jeanne Favret-Saada. Ao problematizar a própria posição de quem pesquisa e perguntar o que uma posição simultaneamente próxima e não plenamente pertencente permite enxergar, conclui-se que o pertencimento parcial e o estranhamento simultâneo não constituem obstáculos metodológicos, ou privilégios, mas configuram as próprias condições de possibilidades específicas para a compreensão sociológica das fronteiras simbólicas que estruturam as relações entre Estado, instituições militares e sociedade.

Palavras-chave: auto-socioanálise, sociologia da reflexividade, instituição militar, pertencimento, estranhamento.

BETWEEN BELONGING AND ESTRANGEMENT: INHABITING THE BOUNDARIES BETWEEN CIVILIAN AND MILITARY WORLDS

ABSTRACT: This article proposes a sociological reflection on the possibilities for knowledge generated by prolonged immersion in a position situated between the civilian and military worlds, resulting from three decades of work as a civilian faculty member at the Brazilian Air Force Academy (AFA). Drawing on a perspective of self-socioanalysis inspired by Pierre Bourdieu and on Helena Carreiras's sociology of reflexivity in the military sphere, the article problematizes the boundary position occupied by those who analyze their own professional environment. The empirical material for this reflexive trajectory derives from previous longitudinal research conducted as part of the author's doctoral research, from the texts resulting from that research, and from observations accumulated after the publication of those works. Familiarity with military routines is denaturalized through the contributions of Gilberto Velho and Celso Castro, while the irreducible sense of estrangement—stemming from the condition of being a woman, a civilian, and a faculty member in the humanities within the military environment—is analyzed through the work of Erving Goffman, Howard Becker, and Jeanne Favret-Saada. By problematizing the researcher's own position and

asking what a position that is simultaneously close to, yet not fully belonging to, the field makes it possible to see, the article concludes that partial belonging and simultaneous estrangement constitute neither methodological obstacles nor privileges. Rather, they configure the very conditions of possibility for a specific sociological understanding of the symbolic boundaries that structure relations among the state, military institutions, and society.

Keywords: self-socioanalysis, sociology of reflexivity, military institution, belonging, estrangement.

A QUESTÃO DA POSIÇÃO ENTRE OS MUNDOS

Este trabalho propõe uma reflexão sociológica sobre as possibilidades de conhecimento produzidas pela permanência prolongada em uma posição situada entre os universos civil e militar. Partindo de uma trajetória profissional desenvolvida ao longo de três décadas como docente de psicologia na Academia da Força Aérea (AFA) — tendo ingressado na instituição em março de 1996 —, busca-se compreender de que maneira experiências de pertencimento parcial e estranhamento contínuo tornam visíveis as dinâmicas sociais que articulam as fronteiras simbólicas institucionais.

A análise se apoia metodologicamente na proposta de auto-socioanálise formulada por Pierre Bourdieu, cujo objetivo central consiste na recusa e superação da "ilusão biográfica" (2025, p. 10). Como ensina Bourdieu, a auto-socioanálise impõe ao analista o dever de afastar abordagens de psicologia individual e reunir exclusivamente os elementos empiricamente relevantes para a explicação e compreensão sob a ótica da sociologia (2005, p. 11).

Enfatiza-se que a totalidade do material empírico que fundamenta esta trajetória reflexiva provém de pesquisas longitudinais anteriores, especificamente da pesquisa de doutorado defendida em 2002 (Takahashi, 2002) e dos textos dela derivados publicados em 2009 (Takahashi, 2009a; 2009b). As observações acumuladas após a publicação desses trabalhos não envolvem entrevistas ou sujeitos de pesquisa ativos, mas sim reflexões individuais em torno de mudanças curriculares — como a consolidação do ensino por competências dos cursos de formação de Oficiais Aviadores, Intendentes e de Infantaria na AFA (Brasil, 2024a, 2024b; 2024c), mudanças nas diretrizes da Estratégia Nacional de Defesa (Brasil, 2008; 2025) e percepções individuais do campo social militar.

A autoridade científica desta auto-socioanálise não repousa apenas na longevidade da inserção institucional da autora, mas filia-se a uma genealogia intelectual pioneira nos estudos sobre as Forças Armadas no Brasil. Como registra Castro em balanço reflexivo, o próprio

nascimento da antropologia militar brasileira confunde-se com a sua orientação por Gilberto Velho no Museu Nacional, cujo constante diálogo e incentivo interdisciplinar foram fundamentais para romper a desconfiança acadêmica e desbravar a caserna como objeto legítimo de pesquisa qualitativa (Castro, 2021, p. 277). A presente investigação insere-se diretamente nessa linhagem: se os registros de campo da tese de doutorado da autora de 2002 constituem o arquivo empírico deste trabalho, é oportuno notar que aquela investigação original já era integrada ao cânone metodológico do campo, tendo sido mapeada por Castro na segunda edição de “O espírito militar” (2004) como uma das pesquisas de referência a utilizar o método etnográfico para compreender a construção da identidade militar.

Em uma trajetória inversa, este artigo parte de uma permanência profissional prolongada e não de uma entrada etnográfica na caserna, mas de uma experiência continuada que produz uma posição específica de conhecimento sobre as relações entre o universo militar e o mundo civil.

O referencial reflexivo é enriquecido pela interlocução com o debate contemporâneo promovido por Helena Carreiras e Ana Caetano (2016) sobre a sociologia da reflexividade no meio militar. Esta perspectiva discute a posicionalidade e as condições ético-metodológicas da investigação científica por investigadores civis inseridos de modo híbrido no universo castrense, oferecendo o suporte analítico necessário para transformar a trajetória em um exercício de rigorosa vigilância científica.

1. PERTENCIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA FAMILIARIDADE

O polo do pertencimento analisa a construção da familiaridade de caráter institucional construída ao longo de trinta anos com as regras, rituais e etiquetas do cotidiano na caserna. No entanto, a familiaridade acumulada no cotidiano não se confunde com conhecimento analítico; conforme o ensinamento clássico de Gilberto Velho em *Observando o familiar* (1978), o pesquisador inserido em seu cotidiano profissional precisa de um esforço constante e sistemático de desnaturalização para que o estranhamento ocorra, sob o risco de não se dar conta dos valores e prenoções que traz consigo e acabar por reforçar rótulos e o discurso oficial da própria instituição. Embora disponhamos de um mapa cognitivo que nos familiariza com os cenários do cotidiano, isso não garante a compreensão das regras subjacentes que estruturam as interações locais (1978, p. 4).

Para desnaturalizar a familiaridade acumulada em três décadas de AFA, recorre-se à distinção formulada por Gilberto Velho (1978) entre distância física, distância social e distância psicológica. O autor adverte que o fato de os indivíduos compartilharem o mesmo

espaço físico e social não significa que estejam próximos psicologicamente, assim como falar a mesma língua não impede que diferentes significados e interpretações sejam atribuídos às mesmas categorias (1978, p. 37). Na caserna, dispor de um "mapa" cotidiano que dá nome e lugar aos indivíduos não equivale a conhecer a visão de mundo dos atores. O pertencimento parcial, portanto, é aqui tensionado pelo esforço de converter o familiar em exótico, demonstrando que a proximidade física com a rotina dos cadetes, se não relativizada por um distanciamento metodológico sistemático, pode converter-se em um severo impedimento para a apreensão da complexidade da paisagem social estudada (Takahashi, 2002, p.55).

Essa desnaturalização do cotidiano militar alinha-se ao que Carreiras e Caetano (2016) definem como o "modelo de esclarecimento" (*enlightenment model*) da pesquisa sobre os militares. Em oposição a investigações de cunho meramente instrumental, desenhadas para otimizar de forma imediata a eficiência operacional da caserna (o "modelo de engenharia"), o modelo de esclarecimento visa aprofundar a compreensão dos processos sociais em curso (Carreiras; Caetano, 2016, p. 13). Assim, a familiaridade construída com a rotina da AFA não se converte em assessoria técnica de gestão, mas sim em matéria de reflexão epistemológica sobre o funcionamento da própria instituição de ensino.

Essa vigilância metodológica é articulada com a apropriação da antropologia militar de Celso Castro (2004; 2009; 2021). A identidade militar é interpretada a partir dos pressupostos teóricos da não-substancialidade e da contrastividade. A identidade militar não é um traço estático do indivíduo, mas sim constituída a partir de um sistema que é ao mesmo tempo homogeneizador e segmentário. A contrastividade identitária se organiza pela delimitação de fronteiras simbólicas, tendo como "situação-zero" a oposição fundamental estabelecida entre militares e paisanos (civis). A permanência prolongada de três décadas na AFA revela como essa fronteira simbólica é negociada e mediada diariamente, demonstrando que a barreira civil-militar não constitui uma separação rígida e intransponível, mas sim uma relação social dinâmica em constante processo de reconstrução.

2. ESTRANHAMENTO: A FAMILIARIDADE QUE NÃO ELIMINA A DISTÂNCIA

Analisar o próprio universo profissional de forma reflexiva exige que o investigador enfrente o que Pierre Bourdieu descreve como a "incompatibilidade prática dos universos sociais que aproxima sem reconciliar" (Bourdieu, 2005, p. 11).

No caso da docente civil que habita as fronteiras da AFA por três décadas, essa proximidade sem conciliação não resulta em uma fusão identitária pacífica, mas sim na

constituição de um autêntico "habitus clivado", fraturado e dominado por tensões e contradições estruturais inerentes ao trânsito entre o mundo acadêmico-civil e o militar (Bourdieu, 2005, p. 107)

Longe de ser uma inadequação individual, esse descompasso reflete a própria posição de fronteira: a subjetividade clivada do analista torna-se a matéria-prima do trabalho sociológico, exigindo o recurso a uma "esquizofrenia semicontrolada" na qual o pesquisador realiza o rito ao mesmo tempo em que o comenta e o desconstrói de fora (Bourdieu, 2005, p. 115).

O polo do estranhamento constitui o núcleo reflexivo da distância social e cognitiva irreduzível gerada pela tripla condição de mulher, civil e docente de psicologia em um universo androcêntrico e fortemente hierarquizado (Takahashi, 2002; 2009a; 2009b). Esse posicionamento marginal evoca a noção de "desvio" e as dinâmicas de rotulação formuladas por Howard Becker (2008). Na prática profissional, essa posição de fronteira gerou constantes fricções e desconfianças recíprocas no meio acadêmico civil e militar (Takahashi, 2002; 2009a; 2009b).

O estranhamento irreduzível vivido na docência da AFA encontra inteligibilidade na formulação de Castro de que "o civil é uma invenção dos militares" (Castro, 2021, p. 15). A partir de uma imersão total na instituição, a identidade militar se constrói e se reafirma por meio de uma relação contrastante permanente entre um "aqui dentro" e um "lá fora", na qual o "mundo dos paisanos" é representado de forma depreciativa como menos organizado ou patriota (Castro, 2009, p. 25). Como docente civil e mulher em uma organização que opera sob essa lógica de oposição estrutural, a pesquisadora é confrontada com a sua própria alteridade identitária. Não se trata de uma inadequação psicológica pessoal, mas de uma barreira sociológica intransponível: na caserna, a condição de "civil" é uma atribuição nativa que delimita quem de fato pertence ao corpo institucional e quem habita as suas margens, tornando a diferença de gênero e de estatuto profissional um vetor permanente de estranhamento.

Essa vulnerabilidade posicional dialoga com a dimensão do processo de pesquisa proposta por Carreiras e Caetano (2016), que examina como a condição de gênero e o estatuto de outsider moldam as interações em campo. As autoras sustentam que, em ambientes militares marcadamente masculinos e hierarquizados, a condição de ser mulher e civil frequentemente inverte as relações tradicionais de poder, fazendo com que a pesquisadora seja percebida como uma figura não ameaçadora, o que viabiliza o acesso a

dimensões mais informais e subjetivas da caserna (Carreiras; Caetano, 2016, p. 11). Essa margem de manobra exige, por outro lado, uma rigorosa gestão de múltiplos papéis e fachadas protetivas para resguardar as fronteiras analíticas.

A vivência cotidiana do estranhamento impôs a gestão de múltiplos papéis e a adoção de rígidas táticas de autoproteção e fachada, analisadas teoricamente pelas formulações de Erving Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana* (2014). Essas táticas se materializavam em paranoias e conflitos práticos de identificação e distanciamento decorrentes da proximidade com o objeto (Takahashi, 2002; 2009a). O estranhamento contínuo vivido no cotidiano da caserna ganha inteligibilidade quando analisado sob a perspectiva dramatúrgica de Goffman.

Longe de ser um espaço de passividade estrutural, a Academia revela-se como um palco de intensas e coordenadas performances, nas quais os atores sociais mobilizam táticas refinadas de controle de impressões para sustentar suas respectivas fachadas (Goffman, 2014).

Para a pesquisadora, a exigência de adotar um fardamento civil específico à época e ostentar uma tarjeta com seu "nome de guerra" constituiu a imposição de um aparato cenográfico essencial para a manutenção da fachada institucional exigida pelo meio (Takahashi, 2002, p. 62).

Essa encenação cotidiana evidenciou-se no choque do "palco" da sala de aula, onde os cadetes representavam o papel de corpos dóceis e disciplinados, levantando-se rigidamente ao início de cada sessão (Takahashi, 2002, p. 62-63).

Esse esforço de representação, contudo, contrasta permanentemente com o *backstage* (os bastidores) das interações informais, onde a o palco militarizado é temporariamente suspenso por comportamentos e relações descontraídas (Takahashi, 2002, p. 66).

Assim, a condição de fronteira da docente permitiu descortinar as costuras dessas representações, evidenciando como a identidade militar é uma performance encenada diariamente sob a vigilância de carômetros, visores de portas e olhares institucionais (Takahashi, 2002, p. 65).

O mapeamento do cenário da formação na Academia (Takahashi, 2002), apoiou-se na clássica formulação de Goffman (1996) sobre a rigidez, a vigilância e o fechamento que caracterizam a rotina de formação na AFA.

Ao impor barreiras físicas e sociais ao mundo externo e centralizar todas as esferas da vida cotidiana (trabalhar, dormir e recrear-se) sob uma mesma autoridade e um plano racional único, a organização militar busca operar uma profunda modelação e controle das necessidades dos indivíduos.

E esse controle burocrático apoia-se na produção e manutenção de uma "tensão psicológica" constante, utilizada como força estratégica para governar o comportamento e moldar o eu dos internos.

Para a docente civil inserida nesse cenário, o estranhamento decorre de testemunhar diariamente esse ambiente de controle, onde a sua própria presença desviante introduz uma alteridade irreduzível diante dos processos de conformação e modelação institucionalizados.

É sob a perspectiva de Howard Becker sobre os processos de desvio e rotulação (Becker, 2008) que a posição marginal da docente civil de psicologia na caserna revela sua dimensão política mais profunda. Becker postula que o desvio não é uma qualidade intrínseca a um ato, mas o resultado de um processo de reação social: são os grupos sociais que criam as regras e, ao aplicá-las a pessoas específicas, definem quem são os outsiders (Becker, 2008, p. 21-22).

Na dinâmica da AFA, as regras informais e as representações tradicionalmente masculinas rotulam a docente civil como um corpo estranho, gerando fricções e desconfianças recíprocas no meio civil e militar (Takahashi, 2002, p. 69-70).

A condição de outsider, portanto, é uma atribuição relacional contínua: o estranhamento não decorre de uma escolha isolada da pesquisadora, mas sim de um processo coletivo de imposição de regras e de classificação mútua — manifestado de forma nítida em episódios cotidianos em que a presença civil fora tratada sob a marca incômoda do rótulo de "paisano" — que tenta circunscrever e controlar a alteridade identitária do civil na caserna (Takahashi, 2002, p. 69-70).

Favret-Saada rejeita a ilusão da observação participante baseada em empatia intelectualizada, demonstrando que os afetos e opressões captados em campo operam como canais involuntários e insubstituíveis de comunicação não verbal de realidades ocultas. A superação definitiva do dilema entre a perda da objetividade e a esterilidade do distanciamento reside na proposta metodológica da autora sobre o "deixar-se afetar" (Favret-Saada, 2005).

Ao recusar a ilusão de uma observação participante baseada em empatia intelectualizada, Favret-Saada demonstra que o pesquisador deve assumir o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer ao expor-se diretamente às intensidades e forças invisíveis do campo (2005, p. 158)

Tolerar viver em um permanente estado de *schizze* — cindido entre a dimensão que se deixa afetar e modificar pela vivência e aquela que busca registrar e compreender cientificamente essa experiência (Favret-Saada, 2005, p. 161). No contexto da caserna, é o que viabiliza o acesso a dimensões informais e subjetivas do universo militar. Os afetos, as tensões e os conflitos de identidade captados ao longo de três décadas de inserção docente e pedagógica (Takahashi, 2002; 2000a; 2009b) deixam de ser ruídos ou fraquezas metodológicas; eles constituem canais involuntários de comunicação não verbal que revelam as redes de poder e as fronteiras invisíveis da organização (Favret-Saada, 2005, p. 159-160).

A observação sistemática dessa inserção na AFA, desenvolvida nas décadas seguintes à publicação da tese, revela como as transformações no ensino militar foram balizadas por marcos normativos nacionais que reconfiguraram os Projetos Pedagógicos de Curso – PPCs - dos cursos de formação de Oficiais Aviadores, Intendentes e de Infantaria da Aeronáutica (Brasil, 2024c; 2024a; 2024b). Um marco decisivo nesse processo foi a aprovação da primeira Estratégia Nacional de Defesa (END) em 2008 (Brasil, 2008), que estabeleceu diretrizes voltadas para a formação de um combatente dotado de alta iniciativa, flexibilidade e adaptabilidade diante de cenários de segurança complexos. A resposta institucional da Aeronáutica a essas exigências foi a transição gradual para o ensino por competências focado no discente, modelo que se consolidou nos PPCs e que passou a coexistir a admissão das mulheres no Curso de Formação de Oficiais Aviadores desde 2003 e com o curso de Administração Pública desde 2004 (Takahashi, 2009a, p.71), gerando tensões com visões que defendiam uma formação estritamente técnico-operacional.

Essa evolução curricular alcançou um novo patamar com a reedição dos PPCs para os cursos de formação de Oficiais Aviadores, Intendentes e de Infantaria da AFA homologados pelas Portarias DIRENS nº 8, 9 e 11 de 2024, alinhados à recente Estratégia Nacional de Defesa de 2025 (Brasil, 2025), que elevou as exigências de adaptabilidade e flexibilidade ao nível sistêmico da inovação tecnológica e da interoperabilidade em rede. Nesse cenário de redefinição de competências, o papel do docente civil adquire centralidade na promoção de disciplinas pedagógicas. Ao justificar disciplinas fundamentadas no desenvolvimento do pensamento crítico — frequentemente tensionado por oficiais de perfil mais tradicional que o confundem com insubordinação —, o docente civil na caserna pode

atuar como agente de esclarecimento, provando que a diferença identitária e a autonomia científica são funcionais para a modernização organizacional exigida pelas novas diretrizes de Defesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais consolidam o argumento de que habitar os limites da fronteira simbólica civil-militar e assumir um pertencimento clivado constituem as próprias condições de possibilidade para a produção de um conhecimento sociológico denso sobre as Forças Armadas brasileiras. O estranhamento contínuo e a impossibilidade de adesão plena aos valores institucionais viabilizam uma mediação crítica indispensável, demonstrando que experiências de pertencimento parcial e estranhamento simultâneo não constituem obstáculos metodológicos à construção do saber.

Conforme asseveram Carreiras e Caetano, a reflexividade não deve ser tratada como um exercício estéril de autocomplacência narcisista, mas como uma ferramenta de vigilância epistemológica capaz de revelar as estruturas de classificação que ordenam o campo social estudado. O tempo prolongado de docência e observação permitiu que a diferença identitária e de gênero se tornasse metodologicamente produtiva, transformando o "estranhar o familiar" em uma via ética de possibilidade de alargamento do pensamento crítico na formação de oficiais.

Adicionalmente, a trajetória acumulada consagra a premissa de que o tempo atua como real e insubstituível condição de conhecimento do campo. Uma inserção de curto prazo captaria apenas os discursos e regulamentos formais da caserna. Em contrapartida, a permanência de três décadas viabiliza uma apreensão qualificada das transformações curriculares e institucionais progressivas (Brasil, 2008; 2024a; 2024b; 2024c; 2025), permitindo analisar de forma privilegiada as fronteiras simbólicas que estruturam as relações entre Estado, instituições militares e sociedade.

O pesquisador de longo prazo inserido em um universo de fronteira precisa tolerar viver em um tipo de *schizofrenia* permanente, convertendo essa cisão identitária, por meio da auto-socioanálise e da reflexividade, no fundamento de uma atividade investigativa rigorosa, analítica e autovigilante.

Em última análise, a fronteira entre os universos sociais distintos pode ser não apenas um lugar de tensão e privilégio, mas também um lugar de interlocução e geração de saber, desde que existam condições para o reconhecimento e o diálogo entre diferentes posições.

MATERIAIS SUPLEMENTARES

O presente trabalho é de natureza estritamente teórica e reflexiva, fundamentado na releitura e objetivação de registros longitudinais de pesquisas anteriores publicadas pela autora. Não há utilização de dados empíricos inéditos ou entrevistas adicionais ativas. As opiniões, reflexões e conclusões expressas neste artigo são de exclusiva responsabilidade e autoria da pesquisadora, de caráter estritamente acadêmico, e não refletem nem representam a posição oficial ou institucional da Academia da Força Aérea (AFA), do Comando da Aeronáutica ou do Ministério da Defesa

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 6.703, de 18 de dezembro de 2008**. Aprova a Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/publicacoes-politica-e-estrategia-nacional-de-defesa/end-2008.pdf/view. Acesso em: 03 de ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Diretoria de Ensino. Portaria DIRENS nº 8/DPE, de 29 de janeiro de 2024. Aprova a reedição do “Projeto Pedagógico de Curso para o Curso de Formação de Oficiais Intendentes” - ICA 37-900. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Brasília, DF, nº 027, 7 fev. 2024a.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Diretoria de Ensino. Portaria DIRENS nº 9/DPE, de 29 de janeiro de 2024. Aprova a reedição do “Projeto Pedagógico de Curso para o Curso de Formação de Oficiais de Infantaria” - ICA 37-901. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Brasília, DF, nº 027, 7 fev. 2024b.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando Geral da Aeronáutica. Diretoria de Ensino. Portaria DIRENS nº 11/DPE, de 29 de janeiro de 2024. Aprova a reedição do “Projeto Pedagógico de Curso para o Curso de Formação de Oficiais Aviadores” - ICA 37-863. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Brasília, DF, nº 027, 07 fev. 2024c.

BRASIL. **Decreto nº 12.725, de 18 de novembro de 2025**. Aprova a Política Nacional de Defesa, a Estratégia Nacional de Defesa e o Livro Branco de Defesa Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: <https://in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-12.725-de-18-de-novembro-de-2025-670208756> Acesso em 03 de ago. 2026.

CARREIRAS, Helena; CAETANO, Ana. Reflexivity and the sociological study of the military. In: CARREIRAS, Helena; CASTRO, Celso; FREDERIC, Sabina (Orgs.). **Researching the military: qualitative methods, research experiences and challenges**. London: Routledge, 2016, p. 8-22.

CASTRO, Celso. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CASTRO, Celso. Em campo com os militares. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (Orgs.). **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009a, p. 13-30.

CASTRO, Celso. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 5. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1996.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

SIQUEIRA, Paula; FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

TAKAHASHI, Emilia Emi. **Homens e Mulheres em Campo** – um estudo sobre a formação da identidade militar. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TAKAHASHI, Emilia Emi. Cadetes pioneiras na AFA: algumas considerações sobre a pesquisa, o campo e a pesquisadora. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (Orgs.). **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009a, p. 53-73.

TAKAHASHI, Emilia. **Trabalhar e Pesquisar a Instituição Militar**: contribuições da etnografia. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu. Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu: ANPOCS, 2009b.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 36-46.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORA: Takahashi, E. E.: Concepção, formulação teórica, análise metodológica, redação e revisão final do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A autora declara que utilizou tecnologia de inteligência artificial generativa exclusivamente para fins de revisão

linguística, aprimoramento estilístico e formatação estrutural do manuscrito. O desenvolvimento conceitual, a articulação teórica das fontes sociológicas, a análise dos registros e a versão final do texto são de inteira autoria e responsabilidade intelectual da pesquisadora.

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA DO PAPER: Psicóloga (UNESP), mestre e doutora em Educação (UNICAMP), Professora Associada da Academia da Força Aérea – AFA.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.